

REESCREVIVÊNCIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E XIE XINRAN

Autor (1); Jailma dos Santos Pedreira Moreira

Universidade do Estado da Bahia

Resumo

Trata-se de uma reflexão sobre os modos como escritoras negras brasileiras e chinesas, mais especificamente Conceição Evaristo e Xie Xinran, reinventam subjetividades para si, a partir de um contexto de violências, de negação de direitos para mulheres. Para tanto nos debruçaremos sobre textos das duas escritoras, de modo que possamos, com referencial teórico condizente, debater sobre a questão proposta e suas implicações inclusive no campo político cultural e científico. Nesse sentido, trataremos não só da questão da subjetividade feminina, através das escrevivências das duas autoras, bem como de políticas públicas para os sujeitos femininos, para escritoras; da noção de arte que encenam ao ressignificar sentidos atribuídos para a sua existência, assim como da lição de reexistência que nos ensinam e nos demanda um outro posicionamento enquanto leitor-professor-mediador, enfim enquanto sujeito no jogo geopolítico local, nacional e internacional.

Palavras-chave: escritoras, reescrevivências, política cultural subjetiva.

Introdução

O Estado de exceção, segundo Agamben (2004), tem se mostrado cada vez mais presente, nos regimes democráticos e, como tal, através de mecanismos legais, tem conseguido impor a ilegalidade da restrição de direitos, efetivando o desrespeito a vida digna, às diferenças e ao que foi ou tem sido adquirido, conquistado nas lutas e na lei. Aliado a isso, outros retrocessos têm sido percebidos contemporaneamente. Além disso, considerando a luta constante de mulheres em todo o mundo, os diversos feminismos, podemos perceber como o patriarcado, aliado ao racismo e etnocentrismo, assim como ao capitalismo e outras formas de opressão-exclusão-exploração, tem se mostrado ainda presentes, apesar de todo o esforço, de anos de combate contínuo contra estes sistemas de controle da vida.

Diante disso, e considerando as formas ainda renitentes, camufladas e disseminadas de preconceito para com as mulheres, é fundamental observarmos como estratégias são criadas por estes sujeitos para reescreverem as suas histórias, para driblarem as formas de violências que lhe são impostas, restringindo o seu direito de tornar-se outro-outra, de ter outros destinos. Com isso, observar as implicações deste gesto é o que pretendemos, quando tomamos os textos da escritora negra brasileira, Conceição Evaristo, e da escritora chinesa Xie Xinran, como objetos de pesquisa.

Nesse sentido, queremos saber como estas escritoras estão se reescrevendo, a partir de uma situação de violência, de castração de direitos mais amplos para o feminino. A pergunta dessa pesquisa também nos leva a pensar em uma série de desdobramentos que ela aponta, inclusive com relação ao papel do Estado nesse jogo de vida e morte, o papel da ciência, da arte, da linguagem e da leitura, assim como do professor, mediador, do sujeito enquanto sociedade civil, em um âmbito de forças também internacionais.

Para a escritora negra Conceição Evaristo, nós temos, no Brasil, um contexto forte de exploração racial, uma história de escravização de homens e mulheres negras, aliado ao sistema patriarcal, que reforça duplamente a exclusão da mulher nestas terras. Isto, quando somado ao capitalismo, que despeja em massa mulheres e negras da condição de cidadania, o reforço da exclusão se faz de forma tripla, pela via de gênero, raça e classe. É o que mais acontece no Brasil.

Na China, estudos como o de Fátima Neves (2011) e mesmo os livros de Xinran e de outras mulheres chinesas nos mostram uma história de preconceitos contra a mulher, de anulação naturalizada desta, semelhante ao que ocorre também no Brasil. Na China, as condições de vida impetradas à mulher, a situação de concubina, de primeira ou de segunda- terceira esposa, ou mesmo o repúdio, por um bom tempo, ao nascimento da filha mulher, com uma sorte de negativas sobre ela, revelam um patriarcado diversificado, naturalizado, legalizado, que como tal e como outros, excluem o sujeito feminino da sua condição de devir, de vir a ser-ter outras possibilidades de vida.

Na contramão do histórico desses dois países, as escritoras Conceição Evaristo, brasileira, e a escritora Xie Xinran, chinesa, nos ensinam, através de suas escritas (de si), outras vivências possíveis para a mulher, para além dos signos que foram fixados. É disso, como dissemos, que iremos tratar, considerando uma série de implicações, de demandas, que podemos ver arroladas a essa questão.

Metodologia

Para tratar de tal temática nos debruçamos, mais especificamente, sobre o livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, da escritora Conceição Evaristo (2011) e sobre o livro *As boas mulheres da China*, de Xie Xinran (2003). Para nos ajudar a refletir sobre a questão proposta algumas autoras e autores, que versam sobre subjetividade, noções de arte e literatura, a condição da mulher tanto no Brasil como na China, a condição de escritora entre outros assuntos, serão requisitados. Entre tais autores e autoras, podemos citar ALVES, Miriam (2010), ARFUCH, Leonor (2010), BENJAMIM (1987), DELEUZE E GUATTARI (1977) etc.

Resultados- discussão

Como resultados da nossa investigação, podemos começar dizendo, refletindo sobre como Conceição Evaristo(2011) e Xie Xinran(2003) reescrevem seus destinos, em um contexto marcado pelo patriarcalismo, capitalismo e racismo.

Conceição Evaristo criou o termo *escrevivência*, para dizer da imbricação de seus escritos com a vida. Imbricação que não aponta para uma espécie de reflexo no texto ficcional, da sua vida cotidiana, mas para uma ficcionalização deste cotidiano, para uma invenção a partir deste. Nesse sentido, precisamos destacar, portanto, o quanto tal texto, e por extensão também o de Xinran, nos levam a considerar este imbricamento entre ficção e vida, entre vida e ficção. Consideração, portanto, que nos leva a perguntar pelo sujeito que escreve o texto, a sua condição de fala, de escrita, de vida, em inter-relação com o texto escrito, com o que diz seu texto de vida e de escrita, tanto no papel, como não.

Tal imbricamento nos leva a perceber como as subjetividades são produções culturais, produções de linguagem. Conceição Evaristo(2011), portanto, no seu livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* nos mostra como a cultura patriarcal, capitalista, etnocêntrica, reservou à mulher negra brasileira, uma condição de exclusão, de sofrimento e exploração. Condição de violência diversa e contínua como aquela que marca o cotidiano brasileiro, como nos afirma Constância Duarte (2010), quando diz o quanto tal literatura a revelou a violência do dia a dia, de manchetes de jornais, que ela ainda não tinha encontrado nos textos literários.

Miram Alves (2010) nos lembra o quanto à mulher negra foi atribuída um sentido de sujeira, de promiscuidade, de nulidade mental, de corpo que pede para ser explorado. Entretanto Conceição Evaristo (2011), no seu livro de contos e na sua vida que conta, reescreve esta história, enfrenta esta história de violência diversa. Os contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* relatam várias formas de violência, de agressão à dignidade da mulher negra. A violência é forte, faz jorrar lágrimas, mas a diferença, o traço que aponta para outros sentidos, para uma agência é a junção do adjetivo insubmissas ao vocábulo lágrimas. São lágrimas insubmissas, lágrimas de mulheres que resistem, insistem em continuar vivendo, em denunciar, em criar uma outra vida para suas personagens. Assim como fez Evaristo para si. Filha das poucas condições financeiras, como resultou a população negra que ajudou a construir a riqueza do Brasil: sem muita coisa, Evaristo poderia ser lavadeira, arrumadeira, dançarina, como se esperava, se aceitaria com naturalidade da prática discursiva de mulheres negras brasileiras. Mas, não. Evaristo ousou estudar e tornar-se escritora. Foi, apesar das diversas formas de violentá-la, de vetar, tentar impedir seus desejos outros, insubmissa. Não se submeteu a uma prescrição signífica para a mulher negra brasileira, em geral.

Xie Xinran(2003) escreve *As boas mulheres da China*, um livro proveniente do seu programa de rádio, no qual recebia vários relatos de vidas de mulheres em condições de violência na China. .A vida para a mulher chinesa, teve e ainda tem, desde antes, amparada inclusive na filosofia confuciana, o seu lugar definido, fixado. Desde o nascimento, a mulher chinesa, em geral, já não era, segundo a história do lugar, bem-vinda e, com isso, lhe era negada uma série de direitos, de características que apontavam para um valor maior socialmente. Xie Xinran poderia ter o seu destino como muitas das personagens do seu livro, que inclusive morreram, porque não tiveram condições de levar a resistência a frente, não tiveram socorro, um olhar, uma atenção, como em muitos casos, a própria Xinran tentou intervir, ir até onde estas mulheres estavam. Novamente escrita, vida, reescrita se mesclam. Para elucidar o impasse, Leonor Arfuch (2010) nos esclarece que a vida, a identidade, é uma narração. E Xinran, depois de ouvir tantas narrativas de vida marcadas pela violência na China, reescreve sua história, nega este cerceamento para si, este aniquilamento de si, e, assim como Evaristo, torna-se escritora.

Ambas contam-nos estas histórias, recontam suas histórias, como que nos solicitando também um outro pacto de leitura, uma leitura compromissada, cultural e política, que não negue, não nos negue, pela linguagem, esta possibilidade de intervenção. Este é um desdobramento importante deste estudo. Junto com ele podemos também pensar na noção de arte que daí emerge. Arte entrelaçada à vida. Arte que requer condições de produção. Criação de condições que foram tecidas ousadamente, por tais mulheres escritoras. Isso nos remete não à noção de arte como mágica, como contrapõe Benjamin (1987), mas como produção, como este também diz. Produção que pode ser revolucionária, como afirmam Deleuze e Guattari (1977), ao suscitarem um uso menor da língua, um movimento de desterritorialização da língua, agenciamento coletivo e político. É o que vemos com as escrituradas dessas mulheres. Desterritorialização de um sentido prescrito para o sujeito feminino, seja no Brasil, em específico à mulher negra, seja na China.

Isso também nos leva a refletir sobre o papel do Estado nesta narrativa de prescrição. Que condições este tem garantido para que as mulheres tenham seus direitos respeitados, direitos a não violência, direitos a ter direitos, direitos a vida digna, direitos a tornar-se escritora? Para além das dificuldades que Evaristo enfrentou para estudar desde criança até o desvalor que alguns críticos lhe

ofertam, Xie Xinran, para publicar precisou sair da China e, para alguns, na China, ela significa nada. Assim, como o Estado se posiciona, nos dias de hoje, neste jogo discursivo?

A conferência de mulheres em Bejin, na China, é tomada como referência para se cobrar os princípios mínimos assinados em prol da vida de mulheres. Diante desses enfrentamentos, conquistas, estratégias, esquecimentos, violências... como nos posicionamos, em nossa casa, nosso trabalho, escola, na sociedade? Na cena de leitura? No agenciamento de forças locais, nacionais e internacionais, Brasil e China se associam nos BRICS para lutar contra hegemonias internacionais, por exemplo, dos EUA. Nesta associação que aqui fazemos, entre Xinram e Evaristo, o que aprendemos em termos de lutas contra hegemonia, contra violências nocivas? Sem dúvida, tais escrevivências nos apontam reexistências que não se pautam na pura inversão de valores e sinais, tornando o mais fraco em mais forte e logo opressor. Tais escrevivências apostam na equidade e solidariedade humana, no ressoar de vozes a favor disso, na insubmissão das lágrimas femininas, como um sinal de possibilidades não só para estes sujeitos, mas para a humanidade, apesar de toda sorte de violências que retornam.

Conclusões

Portanto, perguntar pela forma como mulheres, escritoras, mais especificamente Xie Xinram e Conceição Evaristo reescrevem suas histórias, em contexto de violências patriarcais, etnocêntricas e capitalistas, é também nos perguntar como estamos refletindo sobre o nosso papel, enquanto leitor destas histórias, enquanto agente social. Perguntar-nos dessa maneira, como também estamos nos reescrevendo, ou não, em um contexto tanto local-nacional como internacional, que pode nos fazer recair na reafirmação de hegemonias ou naturalizar uma impossibilidade de reação. É politizar, por fim, as letras, a arte, na sua relação com a vida. Essa é a lição que depreendemos do estudo, que se faz ressoar nas reescrevivências de Evaristo e Xinran.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Trad. Iraci Poletti. São Paulo: Boitempo, 2004.

ALVES, Miriam. **BrasilAfro Autorrevelado**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política (Obras escolhidas I)**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. O que é uma literatura menor? In: **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Constância Lima. DUARTE, Eduardo de Assis. ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Orgs). **Falas do outro: literatura, gênero e etnicidade**. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.

EVARISTO, Conceição. Apresentação. In: **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

NEVES, Patrício Fátima Cristina de. **Os Direitos da Mulher na China**. Cultura Jurídica: UA, 2011.

XINRAN. **As boas mulheres da China**: vozes ocultas, tradução do chinês para o inglês Esther Tyldesley, tradução do inglês Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.